



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### WALTER, GUIDO, LUIZ ORLANDO: APRENDIZADO GERACIONAL NA EXPERIÊNCIA DO CINEMA

Veruska Anacirema Santos da Silva\*  
(UESB)

#### RESUMO

Considerando o leque de oportunidades de formação pelo cinema, queremos destacar o tipo de aprendizagem existente na relação geracional e inter-geracional que possibilita o desenvolvimento, a assimilação e a transmissão de saberes e fazeres de indivíduos situados em experiências singulares localizadas no âmbito da sétima arte. Para este fim, destacamos a linha intergeracional a unir três agentes culturais ligados ao cinema na Bahia: Walter da Silveira, Guido Araújo e Luiz Orlando. A orientar o escopo teórico, recorreremos à noção de geração, especialmente à reflexão proporcionada pelos estudos de Elias.

**PALAVRAS-CHAVES:** Aprendizado, Cinema, Geração.

#### INTRODUÇÃO

Se o encontro entre pessoas de distintas gerações é um traço comum a todas as atividades humanas, constituindo-se na maneira mesma de transmissão e acúmulo de conhecimentos que dão forma aos desenvolvimentos sócio-históricos, é possível pensar que os encontros geracionais ocorridos em específicas dinâmicas

---

\* Veruska Anacirema Santos da Silva é mestre em Memória: Linguagem e Sociedade, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb); pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento (UnB) e do Grupo de Pesquisa Cinema e Audiovisual: memória e processos de formação cultural (Uesb), professora da Rede Estadual de Ensino da Bahia. E-mail: veruska.anacirema@gmail.com



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

de grupo, por exemplo, naquelas situadas no terreno das atividades lúdico-artísticas, geram processos sociais também específicos, ou seja, modalidades singulares de aprendizado e formação de trajetórias. Uma expressão disso é o que ocorre no âmbito do cinema. Uma vez que os “estudos de cinema”, como conhecemos hoje, só começaram a surgir formalmente nas academias em diversas partes do mundo a partir dos anos 1960 (BORDWELL, 2005), muito dos aprendizados desta atividade artística se realizou, durante décadas, nos próprios fluxos de vida dos curiosos, amantes e profissionais da sétima arte. Nesse sentido, o encontro entre pessoas de diferentes gerações nas ambiências existentes em torno do cinema criou as condições de possibilidade para que esses aprendizados pudessem se constituir e seguir adiante, tornando as dinâmicas cinematográficas parte importante dos modos de ser e estar de diversos agentes culturais durante o século XX.

O uso da noção de geração pode apontar, em um primeiro momento, para a existência de um grupo etário cuja especificidade é interna às propriedades estruturais de um sistema social. Nos rastros de Eisenstadt (1976, p. 1-35), podemos nos guiar por uma prerrogativa teórica de que tais agrupamentos, identificados pelo registro de semelhança e de diferença entre as idades, não dizem respeito a um atributo universal biologicamente condicionado, mas às maneiras por meio das quais os componentes biológicos são posicionados e significados na tramas de reciprocidades sócio-humanas historicamente referidas. Mas, em tratando do objetivo desse artigo, a despeito do recurso inicial a essa concepção estrutural-funcionalista da noção de geração, o que nos interessa é a existência de um grupo caracterizado por um conjunto de experiências inerentes a uma mesma plataforma de sentido compartilhada por muitos indivíduos. E, também, a reflexão sobre o quão decisiva é a mesma plataforma para a diferenciação e a autonomização do grupo frente a outros. Para tanto, os estudos produzidos por



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Elias (1997), embora não se refiram de forma central à noção de geração, é crucial para a discussão do tema a partir de uma visada sócio-histórica que realça a construção de dinâmicas de grupo nos transcurtos de vida a aproximar/distanciar indivíduos.

Para refletir sobre o lugar do encontro intergeracional no aprendizado e na transmissão de saberes e fazeres no âmbito do cinema, esse artigo dedica-se a apontar elementos das trajetórias de três agentes culturais de distintas gerações ligados à sétima arte na Bahia: Walter da Silveira, Guido Araújo e Luiz Orlando. Observar, ainda que muito ligeiramente, a linha que liga esses três indivíduos é pensar na plasticidade dos modos de saber e aprender existentes na sociedade. Esses modos influenciam desde a constituição de gostos até comportamentos desempenhados no dia-a-dia, ou seja, expressos nas práticas e nos corpos de indivíduos. Para os agentes culturais que queremos acompanhar, a idade relativa entre os membros não joga peso decisivo, mas importa perceber que suas experiências constituem um sentido que está referido, sobretudo, ao fato de que determinados grupos de pessoas processam acontecimentos e experiências de modos semelhantes. Com isso, a atenção está menos voltada para uma concepção de tipo linear, baseada no dado intrínseco da idade, do que para um tempo qualitativo interno – portanto subjetivo – que situa os indivíduos e os grupos no fluxo da história. Nesses termos, importa avançar pela compreensão de que os impactos proporcionados por experiências comuns entram na formação de “imagens de mundo” (*weltanschauung*), concepção forjada por Mannheim (2004), que corresponde aos saberes intrínsecos às práticas, apreendidos e incorporados pelos indivíduos nos usos cotidianos da vida, e que permite refletir sobre como tais saberes e as possibilidades de acesso a eles são possíveis a partir da constituição de determinados encontros geracionais.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### De Walter a Guido

A história do cinema mundial reserva um capítulo à parte ao cineclubismo, prática social que surgiu poucos anos após o aparecimento do cinematógrafo dos Lumière, em 1895. Esses espaços estiveram, de maneira geral, marcados pela vontade de debater e compreender o cinema e sua linguagem e, foi nesse ambiente, que surgiram, pelos menos até os anos 1960, as condições para a criação de uma cultura cinematográfica e de um campo de reflexão teórico-metodológico sobre o cinema. Espalhados por diversos lugares do mundo, o primeiro cineclubista baiano foi fundado em 1950 e batizado de Clube de Cinema da Bahia. Um de seus fundadores foi o advogado e crítico de cinema Walter da Silveira. Nascido em Salvador, em 1915, Walter é referência fundamental para a história do cinema baiano. Ele começou a publicar notas sobre arte cinematográfica aos 13 anos de idade no jornal O Impacto. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, presidiu encontros cinematográficos regionais e nacionais; promoveu o I Festival Internacional de Filmes de Curta-Metragem, na Bahia, em 1951; ocupou cargos públicos como o de superintendente de Difusão Cultural da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia; participou do Conselho Superior da Fundação Cinemateca Brasileira (SP); representou o Brasil em eventos cinematográficos internacionais, como o Festival de Cinema de Berlim (1967) e constituiu uma sólida carreira como crítico cinematográfico, que influenciou várias gerações de cineclubistas e cineastas até sua morte, em 1970.

O Clube de Cinema da Bahia foi o ponto de encontro de distintas gerações interessadas em cinema e Walter da Silveira foi uma personalidade fundamental no processo de aprendizado pela sétima arte, sobretudo por meio da promoção de debates, pelo incentivo ao estudo e pelo compartilhamento de um repertório de idéias e comportamentos acerca do cinema com os jovens frequentadores do cineclubista. Preocupado com a formação educacional e cultural das novas gerações,



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Dr. Walter, como era chamado, promovia diversas ações pautadas por um padrão cultural traduzido em valorações estéticas e humanistas que, entre outras coisas, diferenciavam as produções cinematográficas consideradas de alto nível dos filmes vulgares. Foi no curso de 'situações de aprendizagem' promovidas nessas ações, muitas delas sequer notadas de forma consciente pelos agentes nelas envolvidos, que importantes condições foram criadas para a formação do gosto e de habilidades essenciais para a definição de estilos de vida e de carreiras profissionais pautados pela sétima arte de diversos indivíduos.

Em função de suas ações culturais e educativas, Walter da Silveira foi considerado um mestre para a maioria dos freqüentadores do Clube de Cinema da Bahia. Um desses freqüentadores foi o cineasta e produtor cultural, Guido Araújo. Nascido em 1933, Guido começou a se interessar por cinema "aos 16 anos, quando estudante no Colégio Maristas, em Salvador, no ano de 1949"<sup>506</sup>. Mas foi no Clube de Cinema da Bahia que, segundo o próprio Guido, aprendeu "verdadeiramente as coisas do cinema"<sup>507</sup>. Ele estava na sessão inaugural do cineclube, ocasião em que contava com 17 anos de idade, e destaca que a atuação de Walter da Silveira e as atividades do clube foram decisivas para a formação de seu gosto diferenciado pelo cinema, a exemplo da apreciação de filmes de arte.

Ao exibir diversas cinematografias, ampliando as oportunidades de novos olhares sobre as narrativas e linguagens fílmicas, Walter da Silveira possibilitou um aprendizado sensível, que deu aos jovens freqüentadores do cineclube as condições para apreciar filmes considerados de vanguarda, algo que participava da formação geral dos agentes ao ampliar os 'horizontes culturais' dos indivíduos entretidos em tal ambiência. Para Guido, havia uma distinção entre os considerados filmes sérios, ou seja, filmes de arte ou de autor, realizados,

---

<sup>506</sup> Entrevista concedida à pesquisadora em 11 de março de 2009

<sup>507</sup> Ibid.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

principalmente, em países europeus, e aqueles ditos comerciais, identificados ao cinema produzido por Hollywood e à chanchada nacional. Os filmes do primeiro tipo, que eram vistos rotineiramente no Clube de Cinema da Bahia, favoreciam, na opinião de Guido, uma formação cinematográfica requintada e com capacidade para fazer refletir sobre os problemas da sociedade. A prática de assistir a tais filmes, aliada ao papel de Walter da Silveira, que pode ser entendido como uma espécie de iniciador e orientador cultural e intelectual, foram decisivos para o jovem Guido e muitos de seus companheiros de juventude.

Essa formação diferenciada fez com Guido Araújo despertasse o desejo de aprofundar a vivência em cinema. Em 1953, logo depois de concluir os estudos, ele seguiu para o Rio de Janeiro onde, pouco tempo depois, foi assistente de direção de Nelson Pereira dos Santos no clássico *Rio 40 Graus* (1955). Ainda buscando novas oportunidades de formação pelo cinema, Guido partiu, em 1959, para a então Tchecoslováquia. Ele retornou para a Bahia em meados dos anos 1960 e retomou imediatamente seu contato com Walter da Silveira. Logo participou de ações importantes, como a criação do Grupo Experimental de Cinema da Bahia e o Curso Livre de Cinema. Desde então, envolve-se continuamente com uma série de práticas cinematográficas, entre elas, a Jornada Internacional de Cinema da Bahia, evento criado por ele e que encontra permanência mais de cinquenta anos após o início da experiência no cineclubes baiano que, no discurso de Guido, foi o espaço fundamental de formação pelo cinema.

O surgimento do Clube de Cinema da Bahia pra nós, prá minha geração, prá geração do Glauber, foi realmente uma escola, nós começamos a, de fato, amar o cinema, a ter interesse pelo bom cinema a partir daí, porque, naquela época, o Walter não só trazia os bons filmes, mas sempre fazia debates. Então isso foi realmente fundamental<sup>508</sup>.

---

<sup>508</sup> Entrevista concedida por Guido Araújo às pesquisadoras Veruska Anacirema e Ms. Raquel Costa.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Por causa de depoimentos como esses é que o Clube de Cinema da Bahia comparece, no imaginário artístico-intelectual da Bahia, como um ambiente “didático, uma escola de primeiras letras, uma universidade aberta” (ROCHA, J., 1997, p. 67), do qual Walter da Silveira era o mestre por excelência. Os relatos de agentes como Guido Araújo apontam para o fato de que a ambiência do cineclube, formada por exposições, debates e pela reflexão – artigos, ensaios, críticas cinematográficas – de Walter da Silveira, formou o olhar e o pensamento sobre cinema de diversos frequentadores. A partir desse exemplo, podemos vislumbrar nas relações constituídas entre os jovens cineclubistas e o crítico consagrado, a existência de vínculos geracionais apontando para as ligações possíveis entre aqueles que se encontram em um determinado patamar de saber e aprendizes em processos de partilha de conhecimentos e de significados. Isso nos faz pensar nos mecanismos singulares de percepção, elaboração e transmissão das informações e das práticas entre as gerações, algo que contribui tanto para a modelação de corpos e comportamentos quanto para a conformação das regularidades sociais que permitem a continuidade dos processos sócio-humanos nas suas especificidades.

Como se dão os processos de aprendizados nessa modalidade de relação geracional? Pensamos que o aprendizado de caráter mimético seja uma boa chave teórica para refletir sobre essa questão. A mimesis aqui é compreendida como uma espécie de disposição – de toda a espécie humana – para a aprendizagem, acionada e estruturada na experiência (FARIAS, 2008). Qualquer relação que sugere que ‘algo é assim’ põe em funcionamento um processo de transmissão de uma informação que o outro precisa reconhecer, assimilar e representar (LIMA, 1995). Nos estudos que abordam a formação pelo cinema, o processo mimético é útil porque, para além da imitação ou reprodução de atos e comportamentos

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

precedentes, ela deixa entrever a produção da diferença a partir de algo dado, assimilado, aprendido. Nesse sentido, é fundamental a fala de Lima, que ajuda a refletir sobre o aspecto social da aprendizagem e a integração entre indivíduo e sociedade.

Grosso modo, a mimesis implica um processo que, a partir da busca de se tornar semelhante, dá lugar a dois resultados opostos. No primeiro caso, sua atividade interna converte a semelhança buscada em diferença alcançada. No segundo, socialmente mais freqüente, da busca de semelhança resulta um produto adaptado, a integração a um modelo de conduta e ação. A sociedade não seria possível sem esse mecanismo, em que a diferença individual não prejudica a integração ou, dizendo-o pelo avesso, em que a integração a condutas estereotipadas não impede o traço individualizado. Dentro deste segundo resultado ainda se distingue um caso extremo: aquele em que o processo da mimesis opera, por assim dizer, sem conversão interna, e à busca de semelhança corresponda a semelhança de fato alcançada. Só pois como anomalia a mimesis produz a cópia. Majoritariamente, ela enseja graus de diferença (1995, p. 257-258).

O aprendizado mimético não se apresenta, nesses termos, como um roteiro que o indivíduo segue para assegurar a continuidade dos ritmos sociais, mas como um ponto de partida que, por seu turno, amplia e transforma o fundo de saberes e fazeres que informa os processos humanos. Trata-se, então, nessa perspectiva teórica, de enfatizar a face produtiva da mimesis, enquanto elemento que permite a criação de um objeto, de uma prática, de uma narrativa, que embora ancorado num similar anteriormente dado, não se esgota nele. No que diz respeito à formação pelo cinema por meio do encontro geracional, queremos dizer que os produtos desse aprendizado, primeiro incorporados e, depois, continuamente atualizados, constituíram elementos fundamentais à trajetória de diversos cineclubistas, como Guido Araújo, que tiveram contato assíduo com Walter da Silveira. Tais variações adquirem significado no próprio momento da





ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

experimentação e realização das práticas, ou seja, a significação desses fazeres encontra validade no processo de re-significação e re-atualização dessas ações, em uma espécie de fio que os liga continuamente.

### **De Guido a Luiz Orlando**

Na experiência cineclubista proporcionada pelo mestre Walter da Silveira, Guido Araújo assumiu modos particulares de comportamentos, de processos autorregulatórios, que ele assimilou mediante o aprendizado de uma linguagem específica – a cinematográfica – e com a qual dá sentido à sua trajetória e, por isso mesmo, pode transmiti-la para outras gerações. Um exemplo de que o aprendizado no âmbito do cinema pode ser intergeracional é o fato de que aquela primeira geração de cineclubistas baianos também atuou na formação de outros cineclubistas. Um exemplo é a trajetória de Luiz Orlando Silva. Nascido em Salvador, em 1944, o aprendizado de Luiz Orlando pelo cinema, um jovem negro, de origem humilde, da periferia da capital, se deu no espaço da Jornada de Cinema da Bahia, criada por Guido Araújo. Temos então que Guido, jovem cujo gosto diferenciado pela sétima arte foi influenciado pelas atividades desenvolvidas no Clube de Cinema da Bahia, também atuou na formação de outros jovens, tramando uma linha que, iniciada com Walter da Silveira, permitiu a existência e a continuidade de várias atividades cineclubistas em Salvador.

Auxiliando Guido nas sessões, trabalhando na realização das jornadas, Luiz Orlando não só se tornou um apaixonado pela sétima arte, mas pela atividade cineclubista em si, ou seja, pela possibilidade de formação cultural existente nos espaços de exibição de filmes. Apesar de sua formação escolar só ter se completado em 1995, aos 51 anos de idade, quando obteve o diploma de um curso supletivo, Luiz Orlando tornou-se, a partir de suas vivências com o cinema,



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

também, um especialista, consultado tanto por censores da Ditadura Militar quanto por pesquisadores da Bahia e de outros estados. A atuação de Luiz Orlando deu-se, principalmente, na década de 1980 e, demonstrando a face produtiva do aprendizado mimético, guardava uma diferença essencial em relação às atividades realizadas no Clube de Cinema da Bahia. Ao invés da atenção à estética e à linguagem cinematográfica, própria a Walter da Silveira e aos jovens que freqüentaram o cineclube nos anos 1950, incluindo Guido, o que movia Luiz Orlando era a vontade de aliar cinema e transformação social.

O cineclube antes era muito elitista, com um discurso técnico, estético. Luiz Orlando leva o cineclube como instrumento de mobilização social, voltado para a população pobre e negra. A gente queria aplicar o 'método Paulo Freire' pelo cinema, provocando debates, refletindo sobre os problemas do bairro<sup>509</sup>.

Nesses termos, não encontraremos na trajetória de Luiz uma atividade voltada, por exemplo, para a escrita de críticas cinematográficas, atravessadas que estavam, na década de 1950, por exercícios intelectuais voltados para preocupações estéticas. Luiz queria, por meio do cinema, promover espaços de discussão sobre a pobreza, a exploração e o pouco acesso aos bens culturais das comunidades periféricas da capital baiana. Ele foi um destacado promotor do cineclubismo não só na Bahia, mas em outras partes do país, tendo sua atuação cineclubista reconhecida em diversos estados.

A partir dos percursos de Walter, Guido e Luiz Orlando, podemos observar o quanto o conhecimento é elaborado e redimensionado nos cursos intergeracionais, em movimentos de adições e subtrações, dados em determinados contextos discursivos-institucionais. Interessa-nos, a partir desses encontros, pensar nas

---

<sup>509</sup> Entrevista concedida à pesquisadora pelo professor Paulo James, companheiro de Luiz Orlando nas atividades cineclubistas, em 14 de junho de 2009.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

relações que os indivíduos estabelecem ao longo da vida, mediadas por afinidades, interesses e necessidades, configurando aproximações que, uma vez consolidadas em algum nível, doam um sentido de unidade às experiências de um grupo (ELIAS, 1997). Temos, então, em um primeiro movimento, pessoas que poderíamos qualificar como especialistas que, por meio de estratégias variadas, passam a compartilhar um fundo comum de conhecimento e, como parte disso, a difundir uma linguagem, gestos e visões de mundo específicos do grupo. Nesse processo, podemos perceber que alguns dos aprendizes também se tornam mestres fechando, assim, um círculo no percurso de constituição de um patrimônio social do saber, nesse caso, situado no âmbito do cinema. É uma plataforma de sentidos comum, uma imagem de mundo, que parece estar em funcionamento na experiência de indivíduos ligados ao cinema baiano, pelo menos entre as décadas de 1950 e 1980, cuja vivência constituiu-se em um sentido e um efeito da educação cinematográfica e da formação cultural que afetou os agentes culturais nela entretidos.

### CONCLUSÕES

A existência de pontos de contato entre membros de gerações distintas doa substância às relações tecidas entre os indivíduos e cria as condições de possibilidades para a transmissão de aprendizados. Esta análise, na esteira de Elias (1997), demonstra que a experiência de si é resultante de condições historicamente realizadas e do encontro com tantos outros indivíduos dispostos nas redes relacionais que constituem aquilo que se apresenta como sociedade. A interrelação entre um determinado número de indivíduos, nas interdependências da trama sócio-cultural dos anos 1950-80, afetados pela experiência do cinema, determinou um modo particular de figuração social, perpassada por estratégias de



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

partilha de conhecimentos, condutas e sentimentos na relação com outros indivíduos e fazendo emergir sentidos capazes de guiar trajetórias de vida. A condição de amantes de cinema facultou-lhes a possibilidade de dedicar-se às manifestações lúdico-artísticas inscritas nessa modalidade, encontrando aí modos particulares de significação de vida, em que a educação cinematográfica obtida teve papel importante no desenho da fisionomia de grupo.

A experiência geracional e intergeracional é importante aqui quando percebida como um fator discursivo presente na experiência de indivíduos ligando as trajetórias de mestres e aprendizes em um continuum coerente. O que se quer, nesse sentido, é chamar a atenção para a possibilidade de refletir sobre a experiência que se quer específica de uma geração – ou de uma linha que liga gerações distintas - como um sentido presente nas expressões dos corpos, dos pensamentos e dos relatos dos sujeitos, sintetizando determinados modos de vida e visões de mundo. A noção de geração também é útil para pensarmos os fluxos de conhecimentos que ligam indivíduos de cortes de idades distintas e que permitem a transmissão e a atualização dos fundos de conhecimentos que conformam as experiências humanas (ARÓSTEGUI, 2004). Cotejando, então, a trajetória de Walter da Silveira, Guido Araújo e Luiz Orlando, todos situados no ambiente artístico-intelectual de Salvador, atentamos ao lugar que a formação cultural assumiu nas maneiras como estes indivíduos se portaram no mundo e validaram suas experiências. Tal saber social incorporado nas dinâmicas de grupo também nos leva a refletir sobre os modos de regulação dos comportamentos e desempenhos cognitivos tramados nas dependências mútuas entre estes indivíduos e nas formas como eles elaboraram processos de entendimento de suas posições individuais e coletivas. A apreensão possível das experiências encetadas pela relação intergeracional, então, é possível no instante em que os agentes mobilizam rastros



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

mnemônicos de práticas e sentimentos para dar conta de uma vivência que doa singularidade e as suas trajetórias.

### REFERÊNCIAS

- ARÓSTEGUI, J. Historia del presente e interacción generacional. In: \_\_\_\_\_. **La Historia Vivida**. Sobre la historia del presente. Madri: Alianza, 2004.
- BORDWELL, David. Estudos de cinema hoje e as vicissitudes da grande teoria. In: **Teoria contemporânea do cinema**. Volume I. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- EISENSTADT, S.N. **De geração a geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ELIAS, Norbert. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- FARIAS, E.S. **Anotações de aula ministradas no curso de Mestrado em Memória**: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Disciplina Teorias da Memória, 1º sem. 2008.
- LIMA, Luiz Costa. **Vida e mimesis**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- MANNHEIM, Karl. **O problema da "intelligentsia"**: um estudo de seu papel no passado e no presente. In: \_\_\_\_\_. Sociologia da Cultura. SP: Perspectiva, 2004.
- ROCHA, José Olympio da. O didático Clube de Cinema de Walter da Silveira. **Revista da Bahia**. Nº 25, p. 66-71, dez, 1996.